

DA SALA DE AULA AO ECOSISTEMA EMPREENDEDOR: PRÁTICAS INTERNACIONAIS PARA O FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO BRASILEIRO

Ana Teresa Colenci Trevelin <ana.trevelin@fatec.sp.gov.br>
ORCID: 0000-0002-7569-9296

Vanessa Cristhina Gatto <vanessa.gatto@fatec.sp.gov.br>
ORCID: 0000-0002-4180-8837

Luís Manuel Cerqueira Barreto <lbarreto@esce.ipvc.pt>
ORCID: 0000-0001-6173-433X

Sónia Carvalho <soniacarvalho@esce.ipvc.pt>
ORCID: 0000-0002-5466-107X

Resumo

Este estudo analisa práticas de educação empreendedora identificadas em instituições de ensino superior portuguesas, buscando compreender como essas experiências podem contribuir para o fortalecimento da formação empreendedora no ensino superior tecnológico brasileiro. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com elementos de pesquisa participante, e tem como base uma imersão acadêmica realizada em Portugal, envolvendo observação participante, visitas técnicas, entrevistas-diálogos, interações institucionais e análise de documentos. Os registros produzidos durante a experiência foram posteriormente revisitados e organizados em seis dimensões analíticas: aprendizagem experiencial; integração curricular e interdisciplinaridade; protagonismo discente; atuação docente; articulação com o ecossistema empreendedor; e internacionalização e formação de redes. Os resultados evidenciam que as práticas observadas ultrapassam a oferta isolada de conteúdos sobre empreendedorismo e se caracterizam pela articulação entre experiências práticas, currículo, participação dos estudantes, atuação docente e interação com ambientes de inovação. A principal contribuição do estudo consiste na identificação de uma lógica de integração das experiências empreendedoras, sugerindo que o

fortalecimento da educação empreendedora depende menos da quantidade de iniciativas oferecidas e mais da capacidade institucional de conectá-las ao longo da trajetória formativa do estudante. Conclui-se que experiências internacionais podem constituir importantes referências para o contexto brasileiro, desde que analisadas criticamente e adaptadas às particularidades institucionais, culturais e educacionais do ensino superior tecnológico.

Palavras-chave: educação empreendedora; ensino superior tecnológico; aprendizagem experiencial; ecossistema empreendedor; internacionalização; protagonismo discente.

1. Introdução

O empreendedorismo tem assumido crescente relevância econômica, social e educacional, sendo tradicionalmente associado à criação de empresas, geração de empregos, inovação e desenvolvimento socioeconômico (Aiub, 2002; Schaefer & Minello, 2016; Huq & Gilbert, 2017; Marshall & Gigliotti, 2018). Entretanto, sua compreensão contemporânea ultrapassa a criação de novos negócios, abrangendo também comportamentos empreendedores desenvolvidos no interior de organizações e iniciativas de caráter social, ambiental e colaborativo (Foucrier & Wiek, 2019; Bogatyreva, Laskovaia, & Osiyevskyy, 2022; Geradts & Alt, 2022).

As transformações econômicas, tecnológicas e profissionais das últimas décadas também têm provocado mudanças nas competências requeridas dos estudantes e futuros profissionais (Zhang et al., 2020). Nesse contexto, as instituições de ensino superior assumem papel relevante na formação de indivíduos capazes de identificar oportunidades, desenvolver soluções inovadoras e atuar de maneira empreendedora em diferentes ambientes profissionais. Consequentemente, o ensino superior tem ampliado sua atenção ao desenvolvimento de competências empreendedoras e à criação de condições capazes de estimular a intenção e a disposição dos estudantes para empreender (Longva et al., 2020).

Essa mudança representa uma ampliação da própria função tradicionalmente atribuída às instituições de ensino superior. Se, historicamente, parte significativa da formação universitária esteve direcionada à preparação dos estudantes para o ingresso no mercado de trabalho como empregados, a educação empreendedora

passou a ocupar espaço crescente nos currículos e nas práticas acadêmicas, buscando estimular atitudes e intenções empreendedoras entre os estudantes (Laviere, 2010; Chien-Chi et al., 2020). A crescente produção científica sobre empreendedorismo acadêmico e educação empreendedora também demonstra a consolidação desse campo de investigação (Chen, 2018; Fellnhofer, 2018; Fernández-Pérez et al., 2019; Liu et al., 2019; Tang & Zhang, 2018).

Apesar desse avanço, a educação empreendedora permanece cercada por desafios relacionados às formas pelas quais o empreendedorismo deve ser incorporado ao processo educacional. Kuratko (2005) já apontava a emergência, as tendências e os desafios da educação empreendedora, enquanto estudos desenvolvidos no contexto brasileiro identificaram oportunidades de aprimoramento dessa formação (Lima et al., 2015; Lopes, 2017; Lopes & Lima, 2019). Nesse debate, Schaefer e Minello (2016) destacam a importância das premissas, objetivos e metodologias da educação empreendedora, ao passo que Araújo e Davel (2018) defendem maior aproximação entre as contribuições do campo da educação e os estudos sobre educação empreendedora.

Essa perspectiva permite compreender a formação empreendedora como um processo que não deve se limitar à transmissão de conhecimentos sobre abertura ou gestão de empresas. O desenvolvimento de uma postura empreendedora envolve experiências capazes de estimular competências, autonomia, criatividade, identificação de oportunidades e capacidade de atuação diante de situações reais. Estudos têm associado a educação empreendedora ao desenvolvimento de autoeficácia e intenção empreendedora (Fernández-Pérez et al., 2019; Liu et al., 2019), enquanto Longva et al. (2020) demonstram que experiências educacionais relacionadas ao empreendedorismo podem também constituir espaços de reflexão sobre as próprias escolhas profissionais dos estudantes.

Nesse sentido, torna-se relevante compreender não apenas **se** as instituições oferecem educação empreendedora, mas principalmente **como** essa formação é realizada. Diferentes estratégias pedagógicas e institucionais podem aproximar o estudante da experiência empreendedora, incluindo atividades práticas, projetos, interação com empresas, desenvolvimento de ideias de negócio, eventos, mentorias

e aproximação com ambientes de inovação. Essa concepção encontra respaldo na necessidade de aproximar educação e experiência no estudo da educação empreendedora, conforme discutido por Araújo e Davel (2018), e amplia a compreensão do processo educacional para além da sala de aula.

A colaboração entre instituições de ensino de diferentes países também representa uma possibilidade de enriquecimento desse processo. A troca de experiências permite que estudantes, professores e pesquisadores tenham contato com diferentes perspectivas, metodologias e contextos empresariais, ampliando a compreensão dos desafios e oportunidades relacionados ao empreendedorismo. A colaboração internacional pode, nesse sentido, favorecer inovação, criatividade e pensamento crítico, competências relevantes para a atuação empreendedora em um ambiente cada vez mais interconectado (Redford, 2024).

Essa perspectiva torna-se especialmente pertinente quando são consideradas as diferenças culturais e institucionais existentes entre os países. Estudos anteriores demonstram que o contexto cultural exerce influência sobre o comportamento empreendedor (Tan, 2002; George & Zahra, 2002), o que contribuiu para o desenvolvimento de investigações *cross-cultural* destinadas a compreender como características culturais e institucionais podem influenciar iniciativas e comportamentos relacionados ao empreendedorismo (Lumpkin & Dess, 1996; George & Zahra, 2002; Busenitz & Lau, 1996). Assim, experiências internacionais podem constituir importantes fontes de aprendizagem, desde que sejam analisadas considerando as particularidades dos diferentes contextos educacionais e institucionais.

Foi nesse contexto que uma experiência de imersão acadêmica em instituições portuguesas permitiu observar diferentes estratégias voltadas à formação empreendedora. A experiência envolveu instituições como a Universidade do Porto, a Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (ESCE-IPVC) e a Universidade de Lisboa, contemplando contato com docentes, estudantes, gestores, ambientes de inovação, incubadoras e iniciativas de apoio ao empreendedorismo. O propósito da experiência foi conhecer modelos e práticas de empreendedorismo e identificar elementos capazes de contribuir para o

aprimoramento das estratégias de formação empreendedora nas Faculdades de Tecnologia do Centro Paula Souza.

As experiências realizadas indicaram a presença de práticas que extrapolam a oferta convencional de conteúdos sobre empreendedorismo e envolvem aprendizagem prática, desenvolvimento de projetos, interação com agentes externos, interdisciplinaridade e aproximação entre universidade e ecossistema empreendedor. Essas características sugerem a necessidade de analisar a educação empreendedora a partir de uma perspectiva mais ampla, considerando a articulação entre práticas pedagógicas, experiências acadêmicas e mecanismos institucionais de apoio ao empreendedorismo.

Embora a literatura reconheça a importância crescente da educação empreendedora, permanece relevante aprofundar a compreensão sobre como práticas desenvolvidas em diferentes contextos institucionais podem fornecer referências para o aprimoramento da formação empreendedora no ensino superior tecnológico brasileiro. Nesse sentido, a análise de experiências internacionais não implica a reprodução direta de modelos estrangeiros, mas a identificação crítica de práticas e princípios que possam ser considerados à luz das características e necessidades do contexto educacional brasileiro.

Diante dessa problemática, estabelece-se a seguinte questão de pesquisa: quais práticas de educação empreendedora identificadas em instituições de ensino superior portuguesas podem contribuir para o fortalecimento da formação empreendedora no ensino superior tecnológico brasileiro?

Assim, o objetivo deste estudo é analisar práticas de educação empreendedora identificadas em instituições de ensino superior portuguesas, buscando compreender como essas experiências podem contribuir para o fortalecimento da formação empreendedora no ensino superior tecnológico brasileiro.

2 Referencial Teórico

2.1 Educação empreendedora no ensino superior

O empreendedorismo constitui um fenômeno multidimensional relacionado à criação de negócios, à inovação, à geração de empregos e ao desenvolvimento econômico e social. Entretanto, sua compreensão contemporânea não se limita à constituição de novos empreendimentos, uma vez que comportamentos empreendedores também podem se manifestar no interior das organizações, por meio do intraempreendedorismo, e em iniciativas voltadas à geração de valor social e ambiental (Foucrier & Wiek, 2019; Bogatyreva, Laskovaia, & Osiyevskyy, 2022; Geradts & Alt, 2022). Essa compreensão ampliada do fenômeno já constitui uma das bases conceituais do estudo que antecedeu esta investigação.

As transformações econômicas, tecnológicas e sociais também vêm modificando as competências requeridas dos profissionais, ampliando a necessidade de formar indivíduos capazes de lidar com ambientes dinâmicos, identificar oportunidades, desenvolver soluções e responder criativamente a novos desafios. Nesse contexto, as instituições de ensino superior assumem papel relevante na disseminação do empreendedorismo e na formação de estudantes com conhecimentos, competências e disposições relacionadas à atuação empreendedora (Zhang et al., 2020; Longva et al., 2020).

Historicamente, parte significativa das instituições de ensino superior concentrou-se na preparação dos estudantes para sua inserção no mercado de trabalho. Entretanto, a educação empreendedora passou a ocupar espaço crescente nas atividades acadêmicas, ampliando a formação profissional e buscando estimular atitudes, competências e intenções empreendedoras entre os estudantes (Laviere, 2010; Chien-Chi et al., 2020). Esse movimento também pode ser observado pelo crescimento da produção científica dedicada à educação empreendedora e aos fatores associados à formação das intenções empreendedoras (Fellnhöfer, 2018; Fernández-Pérez et al., 2019; Liu et al., 2019).

A educação empreendedora pode, portanto, ser compreendida de maneira mais abrangente do que o simples ensino de conteúdos relacionados à elaboração de planos de negócios ou à criação e gestão de empresas. Sua finalidade envolve também o desenvolvimento de competências, comportamentos e formas de pensar que possibilitem ao estudante identificar oportunidades, solucionar problemas, tomar decisões e atuar de maneira proativa em diferentes contextos profissionais.

Apesar do avanço desse campo, permanecem desafios relacionados à maneira pela qual o empreendedorismo deve ser incorporado ao ensino superior. Kuratko (2005) já identificava tendências e desafios relacionados à consolidação da educação empreendedora, enquanto Lima et al. (2015), considerando especificamente a realidade brasileira, apontaram oportunidades para seu aprimoramento. Schaefer e Minello (2016), por sua vez, chamam atenção para as premissas, objetivos e metodologias envolvidas na educação empreendedora.

Estudos recentes reforçam a necessidade de aprofundar essa discussão. Melchor-Duran et al. (2025), a partir de uma revisão temática da literatura, identificaram resultados distintos quanto aos efeitos da educação empreendedora sobre a intenção empreendedora de estudantes universitários. Os autores encontraram estudos que demonstram efeitos diretos positivos, ausência de efeito e relações indiretas ou condicionadas por variáveis mediadoras e moderadoras. Esses resultados evidenciam que a simples exposição à educação empreendedora não produz necessariamente os mesmos efeitos em todos os contextos, reforçando a necessidade de compreender como essa formação é estruturada e vivenciada pelos estudantes.

Assim, mais do que investigar a existência de disciplinas ou atividades relacionadas ao empreendedorismo, torna-se relevante compreender como as instituições estruturam ambientes e experiências capazes de promover a formação empreendedora. Essa perspectiva desloca a discussão do conteúdo isolado para o conjunto de práticas pedagógicas e institucionais que compõem o processo de aprendizagem.

2.2 Aprendizagem experiencial e protagonismo discente

Um dos desafios centrais da educação empreendedora está relacionado às metodologias utilizadas para desenvolver competências que dificilmente podem ser construídas exclusivamente pela transmissão de conteúdos. Empreender envolve agir em condições de incerteza, identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções, interagir com diferentes atores e tomar decisões. Por essa razão, abordagens baseadas na experiência assumem particular relevância nesse campo.

Araújo e Davel (2018), referência já presente no estudo original, aproximam educação empreendedora e experiência a partir das contribuições de John Dewey. Nessa perspectiva, a aprendizagem não decorre apenas da aquisição de conhecimentos, mas também da interação entre ação, experiência e reflexão.

No contexto da educação empreendedora, essa concepção pode ser materializada por meio de projetos, resolução de problemas reais, desenvolvimento de produtos e serviços, interação com empresas e empreendedores, simulações, competições, hackathons e outras atividades que aproximem o estudante de situações semelhantes às encontradas nos ambientes organizacionais e empreendedores.

Estudos contemporâneos reforçam a relevância dessa abordagem. A literatura recente sobre educação empreendedora experiencial destaca que práticas fundamentadas na experiência podem ampliar o envolvimento dos estudantes e aproximar o processo educacional das situações efetivamente vivenciadas durante o processo empreendedor. A aprendizagem experiencial também vem sendo discutida como um dos caminhos para ampliar o alcance da educação empreendedora para além das metodologias convencionais de ensino.

Nesse sentido, a noção de “aprender fazendo” adquire relevância para a formação empreendedora. Em vez de permanecer como receptor de informações, o estudante participa ativamente da identificação de problemas, construção de alternativas, experimentação de soluções e avaliação de resultados. O erro, a revisão de decisões e a adaptação passam a constituir elementos do próprio processo de aprendizagem.

A aprendizagem experiencial está, portanto, diretamente relacionada ao protagonismo discente. A utilização de projetos e desafios reais demanda autonomia, iniciativa, colaboração, responsabilidade e tomada de decisão por parte dos estudantes. O protagonismo não significa ausência de orientação docente, mas uma alteração na dinâmica tradicional de aprendizagem, na qual o estudante assume participação mais ativa na construção do conhecimento.

Essa perspectiva também amplia o objetivo da educação empreendedora. A formação não precisa necessariamente resultar na criação imediata de uma

empresa, mas pode contribuir para desenvolver competências empreendedoras aplicáveis a diferentes trajetórias profissionais, incluindo a atuação em organizações existentes, projetos sociais, inovação e criação de novos negócios.

2.3 Integração curricular, interdisciplinaridade e atuação docente

A efetividade da educação empreendedora também depende da forma como ela se relaciona com o currículo e com as demais experiências formativas dos estudantes. Quando o empreendedorismo permanece restrito a uma disciplina específica e desconectada das demais áreas de formação, existe o risco de ser percebido como um conteúdo complementar, em vez de uma competência transversal.

A integração do empreendedorismo aos componentes curriculares, projetos integradores e situações-problema possibilita mobilizar conhecimentos provenientes de diferentes áreas para a construção de soluções. A interdisciplinaridade torna-se particularmente relevante nesse processo, uma vez que problemas empresariais, tecnológicos e sociais dificilmente estão circunscritos aos limites de uma única área do conhecimento.

O estudo original já destacava que a educação empreendedora pode contribuir para o desenvolvimento de novas estratégias de aprendizagem dos próprios conteúdos curriculares. Dessa forma, o empreendedorismo pode ser compreendido simultaneamente como objeto de aprendizagem e como possibilidade de integração de conhecimentos e experiências.

Essa discussão encontra respaldo em Vedana e Andreassi (2025), que, a partir de uma revisão da literatura, propõem uma compreensão mais integrada do ensino de empreendedorismo. Os autores identificam como questões relevantes para o campo a avaliação dos métodos e práticas de ensino e aprendizagem, a formação de professores, a aprendizagem em sala de aula e experiencial, o apoio ao empreendedorismo e a relação com o ecossistema empreendedor.

Nesse processo, o professor assume papel fundamental. A adoção de metodologias experienciais e de projetos modifica a relação tradicional entre docente, estudante e

conhecimento. O professor deixa de atuar exclusivamente como transmissor de conteúdos e passa também a desempenhar funções de facilitador, orientador e mediador da aprendizagem.

Essa atuação exige competências docentes específicas. Propor desafios, orientar equipes, estimular reflexão, aproximar estudantes de atores externos e conduzir processos de aprendizagem baseados na experimentação demanda preparação institucional e pedagógica. Consequentemente, a formação dos professores constitui componente importante de uma estratégia institucional de educação empreendedora.

Integração curricular, interdisciplinaridade e atuação docente constituem, dessa maneira, elementos complementares. Quando articulados, possibilitam que a educação empreendedora deixe de constituir uma iniciativa isolada e passe a integrar diferentes momentos e espaços da formação acadêmica.

2.4 Universidade empreendedora e articulação com o ecossistema empreendedor

A educação empreendedora não ocorre exclusivamente dentro da sala de aula. As instituições de ensino superior estão inseridas em ambientes formados por empresas, organizações públicas, incubadoras, aceleradoras, investidores, empreendedores, instituições científicas e diferentes atores sociais. A interação com esses agentes pode ampliar as oportunidades de aprendizagem e aproximar os estudantes de contextos reais de inovação e empreendedorismo.

Essa perspectiva se relaciona ao conceito de **universidade empreendedora**, segundo o qual as instituições de ensino superior podem assumir papel mais amplo na geração, circulação e aplicação do conhecimento. Ensino e pesquisa passam a coexistir com atividades de inovação, transferência de conhecimento, interação com organizações e contribuição para o desenvolvimento econômico e social.

Abreu e Grinevich (2024) destacam a complexidade da universidade empreendedora como organização caracterizada por múltiplas missões, diferentes processos e objetivos que podem coexistir ou competir entre si. Essa compreensão

afasta uma visão simplificada segundo a qual tornar-se uma universidade empreendedora significaria apenas estimular a criação de empresas ou *spin-offs*. A configuração institucional envolve estratégias e processos relacionados às diferentes funções desempenhadas pela universidade.

No contexto da educação empreendedora, essa perspectiva implica compreender incubadoras, aceleradoras, laboratórios, empresas, startups, competições, eventos e redes de mentores não apenas como estruturas complementares, mas como potenciais **espaços de aprendizagem**. Quando articulados às atividades acadêmicas, esses ambientes permitem que estudantes tenham contato com problemas reais, tecnologias, empreendedores e oportunidades.

Vedana e Andreassi (2025) aprofundam essa compreensão ao defenderem uma visão holística e integrada do ensino de empreendedorismo com o apoio ao empreendedorismo, o processo empreendedor e o ecossistema. Os autores argumentam que ensino, prática e pesquisa em educação empreendedora devem ser examinados em conexão com sistemas de apoio contextualizados e articulados à universidade e ao ecossistema empreendedor.

Essa abordagem é particularmente importante para o ensino superior tecnológico, no qual a aproximação entre conhecimento, tecnologia, organizações e aplicação prática constitui característica relevante do processo formativo. A interação com o ecossistema pode proporcionar aos estudantes oportunidades de testar conhecimentos, participar de projetos, desenvolver soluções e compreender o funcionamento de ambientes reais de inovação.

Desse modo, o fortalecimento da educação empreendedora não depende exclusivamente da presença de disciplinas específicas, mas da existência de condições institucionais capazes de conectar currículo, experiências de aprendizagem e ecossistema empreendedor.

2.5 Internacionalização e formação de redes na educação empreendedora

A internacionalização constitui outra dimensão capaz de ampliar as possibilidades da educação empreendedora. A interação entre instituições de diferentes países possibilita compartilhar conhecimentos, metodologias e práticas educacionais e

permite que professores, pesquisadores e estudantes tenham contato com diferentes contextos econômicos, institucionais e culturais.

O estudo que antecedeu esta investigação já destacava a relevância da troca de informações e da colaboração entre instituições educacionais de diferentes países como estratégia de enriquecimento da educação empreendedora. A articulação de experiências provenientes de contextos distintos permite o acesso a diferentes perspectivas, métodos e ambientes de negócios.

A colaboração internacional também pode favorecer inovação, criatividade e pensamento crítico, competências relevantes para a atuação em ambientes crescentemente dinâmicos e interconectados (Redford, 2024).

Entretanto, a identificação de práticas internacionais não significa que modelos desenvolvidos em determinado país possam ser automaticamente reproduzidos em outro contexto. Aspectos culturais, econômicos e institucionais influenciam o comportamento empreendedor e as condições nas quais o empreendedorismo se desenvolve (Tan, 2002; George & Zahra, 2002).

Os estudos comparativos entre países contribuem justamente para compreender essas diferenças. Busenitz e Lau (1996), por exemplo, buscaram explicar diferenças culturais relacionadas à propensão à atividade empreendedora. Nesse sentido, experiências internacionais devem ser interpretadas considerando as particularidades de cada sistema educacional.

A internacionalização pode, portanto, ser compreendida como mecanismo de **aprendizagem institucional e formação de redes**. O contato com experiências desenvolvidas em outros países permite identificar princípios, metodologias e práticas que podem ser analisados criticamente e, quando pertinentes, adaptados às características da instituição receptora.

No ensino superior tecnológico brasileiro, essa perspectiva amplia a compreensão da internacionalização para além da mobilidade acadêmica, incorporando colaboração entre docentes e pesquisadores, desenvolvimento de projetos conjuntos, compartilhamento de práticas pedagógicas e construção de redes internacionais de ensino, pesquisa, inovação e empreendedorismo.

Desta forma, a literatura analisada permite compreender a educação empreendedora como um fenômeno que ultrapassa a oferta de disciplinas específicas e envolve diferentes componentes do ambiente educacional. Sua efetividade está relacionada não somente aos conteúdos ensinados, mas também às metodologias utilizadas, às experiências proporcionadas aos estudantes, à atuação dos professores, à integração curricular, às estruturas institucionais e às relações estabelecidas com atores externos.

Essa compreensão encontra respaldo na perspectiva contemporânea apresentada por Vedana e Andreassi (2025), segundo a qual ensino de empreendedorismo, universidade empreendedora, processo empreendedor e ecossistema devem ser analisados de maneira integrada. Da mesma forma, a complexidade das diferentes funções assumidas pelas universidades contemporâneas reforça a necessidade de compreender a formação empreendedora como parte de um contexto institucional mais amplo (Abreu & Grinevich, 2024).

A partir dessa fundamentação, o presente estudo considera seis dimensões articuladas para a análise das práticas observadas: **(1) aprendizagem experiencial; (2) integração curricular e interdisciplinaridade; (3) protagonismo discente; (4) atuação docente na formação empreendedora; (5) articulação com o ecossistema empreendedor; e (6) internacionalização e formação de redes.**

Essas dimensões não são compreendidas como componentes independentes, mas como elementos potencialmente complementares de um **sistema integrado de educação empreendedora**. Nessa perspectiva, a formação empreendedora é fortalecida quando o estudante participa ativamente de experiências de aprendizagem, mobiliza conhecimentos provenientes de diferentes áreas, conta com mediação docente, interage com organizações e atores do ecossistema e tem acesso a redes e experiências que ultrapassam os limites institucionais.

Esse entendimento constitui a base conceitual para a análise das experiências identificadas durante a imersão acadêmica realizada em Portugal e para a discussão de suas possíveis contribuições ao fortalecimento da educação empreendedora no ensino superior tecnológico brasileiro.

3. Procedimentos Metodológicos

Este estudo adota abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com elementos de pesquisa participante, tendo como propósito compreender práticas de educação empreendedora observadas em instituições de ensino superior portuguesas e analisar suas possíveis contribuições para o contexto do ensino superior tecnológico brasileiro.

A abordagem qualitativa foi adotada por permitir uma compreensão mais aprofundada das práticas, experiências e características institucionais relacionadas à promoção do empreendedorismo. Como o objetivo é explorar e interpretar essas experiências, e não testar hipóteses ou estabelecer relações causais, essa abordagem mostra-se adequada ao caráter exploratório da pesquisa (Hair Jr. et al., 2006).

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma imersão acadêmica realizada em Portugal, que possibilitou às pesquisadoras acompanhar atividades institucionais, conhecer ambientes educacionais e de inovação e interagir com diferentes atores ligados ao empreendedorismo. A participação direta nas atividades e o contato com as instituições constituíram a base para a coleta e posterior sistematização das informações, caracterizando o estudo como pesquisa participante.

A experiência de campo contemplou atividades em instituições portuguesas de ensino superior, com destaque para a Universidade do Porto, o Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC), por meio da Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE), e a Universidade de Lisboa, além de organizações e ambientes relacionados ao empreendedorismo e à inovação.

O plano de atividades contemplou visitas técnicas, contato com incubadoras e startups, reuniões com docentes e gestores, interação com estudantes e acompanhamento de práticas voltadas à formação empreendedora. Na Universidade do Porto, foram conhecidas iniciativas relacionadas ao empreendedorismo, com destaque para o Mestrado em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico (MIETE). Na ESCE-IPVC, o contato envolveu práticas de promoção do empreendedorismo, atuação docente, experiências dos

estudantes e espaços de inovação. A imersão também possibilitou conhecer programas de apoio ao empreendedorismo em outros ambientes institucionais portugueses.

A escolha desses ambientes teve como propósito conhecer diferentes práticas e metodologias de educação empreendedora e identificar experiências que pudessem servir de referência para o fortalecimento da formação empreendedora no ensino superior tecnológico brasileiro.

Foram utilizadas múltiplas fontes de evidência qualitativa produzidas durante a experiência de imersão acadêmica. Entre elas, destacam-se a observação participante, as visitas técnicas, as entrevistas-diálogos, as reuniões e interações com atores institucionais e os documentos e materiais relacionados às iniciativas observadas.

A observação ocorreu durante o acompanhamento das atividades realizadas nas instituições visitadas e permitiu conhecer espaços educacionais, laboratórios, ambientes de inovação, projetos, metodologias de ensino e mecanismos institucionais de apoio ao empreendedorismo. O contato direto com esses contextos também possibilitou compreender a participação de docentes, estudantes, gestores e agentes externos nas práticas relacionadas à formação empreendedora.

As entrevistas-diálogos, conforme denominadas no relatório da experiência, foram realizadas de forma aberta com docentes, gestores, estudantes e outros atores envolvidos nas iniciativas observadas. Essas interações contribuíram para compreender as práticas institucionais e as experiências relacionadas ao empreendedorismo, sendo utilizadas como fontes complementares de evidência qualitativa.

Após a imersão, as informações obtidas por meio das visitas, observações e diálogos foram sistematizadas em um relatório técnico, que constitui a principal base empírica deste estudo. Para a elaboração do artigo, esses registros foram revisitados e reorganizados, buscando identificar padrões recorrentes nas práticas de educação empreendedora. A análise, portanto, não seguiu a sequência

cronológica das atividades realizadas, mas buscou compreender os elementos comuns e as particularidades encontradas nos diferentes contextos investigados.

O procedimento analítico envolveu a leitura dos registros, a identificação de evidências relacionadas à educação empreendedora, o agrupamento de práticas com características semelhantes e sua posterior organização em categorias temáticas de caráter interpretativo. As categorias, portanto, não foram estabelecidas previamente à realização da imersão nem constituíram categorias originais do relatório de 2023; foram construídas posteriormente, para fins da presente investigação, a partir da releitura e sistematização das evidências disponíveis.

A análise permitiu organizar as práticas observadas em seis dimensões: (1) aprendizagem experiencial; (2) integração curricular e interdisciplinaridade; (3) protagonismo discente; (4) atuação docente na formação empreendedora; (5) articulação com o ecossistema empreendedor; e (6) internacionalização e formação de redes.

Essas dimensões foram utilizadas como estrutura analítica para a apresentação e discussão dos resultados. A interpretação considerou tanto as recorrências identificadas entre as experiências quanto as particularidades de cada contexto, estabelecendo diálogo com a literatura sobre educação empreendedora.

O estudo não pretende produzir generalizações estatísticas sobre as instituições portuguesas ou brasileiras. Seu propósito é gerar uma compreensão analítica das práticas observadas, identificando princípios e experiências que possam subsidiar reflexões e propostas para o fortalecimento da educação empreendedora no ensino superior tecnológico brasileiro.

Figura 1. Percurso metodológico da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

4 Resultados e Discussão

A análise das experiências acompanhadas durante a imersão acadêmica em Portugal revelou que a educação empreendedora, nos contextos observados, não se restringe à oferta de conteúdos específicos sobre empreendedorismo. As práticas identificadas apontam para uma formação construída por meio da combinação entre experiências práticas, integração de conhecimentos, participação ativa dos estudantes, atuação docente e aproximação das instituições de ensino com empresas, startups e outros agentes relacionados à inovação. Embora esses

elementos tenham sido organizados analiticamente em seis dimensões citadas acima, sua manifestação nas experiências analisadas ocorreu de maneira inter-relacionada, indicando que os limites entre essas dimensões nem sempre são claramente delimitados.

Entre os aspectos que mais se destacaram está a valorização da aprendizagem pela prática. Em diferentes atividades observadas, o estudante não aparece apenas como receptor de conhecimentos, mas como participante ativo do processo de construção e aplicação desses conhecimentos. Essa característica ficou particularmente evidente no projeto MARK'IT, desenvolvido no Instituto Politécnico de Viseu, no qual os estudantes são desafiados a desenvolver um produto ou serviço inexistente, percorrendo etapas que vão desde sua concepção até sua aproximação com o mercado. A iniciativa reúne aproximadamente 400 participantes, envolve diferentes unidades curriculares e conta com a participação de representantes dos meios acadêmico e empresarial na avaliação dos trabalhos. Entre as competências consideradas estão trabalho em equipe, liderança, criatividade e empreendedorismo, dentro de uma proposta explicitamente orientada ao “saber fazer” e ao “aprender e fazer”.

A experiência do MARK'IT é particularmente significativa porque mostra que o empreendedorismo pode assumir uma função integradora no processo educacional. Mais do que aprender conceitos relacionados à criação ou gestão de empresas, os estudantes precisam mobilizar conhecimentos provenientes de diferentes áreas para transformar uma ideia em uma proposta concreta. Essa dinâmica aproxima-se da concepção de educação empreendedora baseada na experiência discutida por Araújo e Davel (2018), na qual a experiência não constitui apenas um complemento ao processo educacional, mas participa da própria construção da aprendizagem.

Ao mesmo tempo, a experiência evidencia o protagonismo discente. Quando o estudante é colocado diante do desafio de desenvolver uma ideia, solucionar um problema ou construir uma proposta que será apresentada e avaliada, sua posição no processo de aprendizagem se modifica. É necessário tomar decisões, negociar alternativas, trabalhar coletivamente, lidar com dificuldades e assumir responsabilidade pelos resultados alcançados. O empreendedorismo passa, assim, a ser vivenciado e não apenas estudado.

Essa mudança na posição do estudante não diminui a importância do professor. Ao contrário, as experiências acompanhadas sugerem uma ampliação da atuação docente. Os contatos realizados durante a imersão com professores, pesquisadores e responsáveis por diferentes iniciativas permitiram perceber a importância do docente na criação e condução de ambientes favoráveis à experimentação e à autonomia dos estudantes. O relatório registra, entre outros aspectos, a interação com professores empreendedores, pesquisadores e estudantes, bem como o contato com métodos de ensino, ferramentas pedagógicas e possibilidades de integração do empreendedorismo ao currículo.

Nesse contexto, o professor deixa de atuar exclusivamente como transmissor de conteúdos e passa também a orientar, acompanhar, estimular reflexões e estabelecer conexões entre o conhecimento acadêmico e situações concretas. Essa constatação reforça a importância atribuída à atuação e à formação docente na literatura sobre educação empreendedora. Vedana e Andreassi (2025), por exemplo, identificam a formação de professores, os métodos e práticas de ensino, a aprendizagem experiencial e as relações com o ecossistema entre os temas relevantes para o avanço do campo.

Outro conjunto importante de evidências foi encontrado na Universidade do Porto, particularmente nas experiências relacionadas ao Mestrado em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico (MIETE). A proposta observada articula conhecimentos científicos e tecnológicos à identificação de oportunidades e ao desenvolvimento de novos negócios. O contato com essa experiência permitiu identificar uma formação na qual empreendedorismo, tecnologia e inovação aparecem de maneira conectada. O relatório registra ainda empresas lançadas por participantes e egressos e sua aproximação com processos de incubação, evidenciando possibilidades concretas de transformação do conhecimento acadêmico e tecnológico em iniciativas empreendedoras.

Os registros relacionados aos estudantes e egressos do MIETE também trazem elementos que ultrapassam o domínio técnico. Entre as experiências relatadas aparecem referências à compreensão das necessidades dos clientes, ao desenvolvimento de novas formas de pensar os problemas e à aplicação prática dos

conhecimentos adquiridos. Esses elementos reforçam uma compreensão mais ampla da formação empreendedora, que não se limita à intenção imediata de criar uma empresa, mas envolve desenvolver a capacidade de reconhecer necessidades, interpretar situações e transformar conhecimentos em possíveis soluções.

A aproximação entre formação acadêmica e ambiente empreendedor tornou-se ainda mais visível durante o contato com incubadoras, espaços de inovação e startups. Um caso particularmente ilustrativo registrado durante a experiência foi o da PLANTZ, startup fundada por antigos estudantes brasileiros e portugueses relacionados à experiência de formação na Universidade do Porto. O caso mostra uma trajetória na qual formação acadêmica, convivência em ambiente internacional, desenvolvimento de competências e criação de empreendimento aparecem conectados.

Mais do que interpretar a criação de uma startup como um resultado isolado, essa experiência chama atenção para o ambiente que circunda a formação. O contato com empreendedores, empresas, incubadoras e outros agentes pode ampliar as possibilidades de aprendizagem e permitir que os estudantes visualizem trajetórias profissionais e oportunidades que dificilmente seriam experimentadas apenas dentro da sala de aula. Sob essa perspectiva, o ecossistema empreendedor também pode ser compreendido como espaço de aprendizagem, especialmente quando existe aproximação entre suas estruturas e as atividades acadêmicas.

Essa interpretação encontra convergência com Vedana e Andreassi (2025), que defendem uma compreensão integrada entre ensino de empreendedorismo, mecanismos de apoio, processo empreendedor e ecossistema. Também se aproxima da discussão de Abreu e Grinevich (2024), que tratam a universidade empreendedora como uma organização na qual diferentes missões, processos e objetivos coexistem, ultrapassando uma compreensão de empreendedorismo universitário limitada exclusivamente à criação de empresas.

As experiências analisadas mostraram ainda que as práticas empreendedoras podem adquirir maior significado quando atravessam diferentes atividades acadêmicas. Projetos integradores, atividades interdisciplinares e aproximação com problemas reais permitem que o empreendedorismo deixe de ser tratado como assunto pertencente exclusivamente a uma disciplina. Essa constatação é

especialmente relevante quando se considera o ensino superior tecnológico, no qual a articulação entre conhecimentos teóricos, aplicação tecnológica e necessidades do ambiente profissional constitui uma característica importante da formação.

Nesse sentido, integração curricular e interdisciplinaridade aparecem relacionadas à própria natureza das experiências observadas. Um projeto que exige desenvolver um produto ou serviço, por exemplo, dificilmente mobiliza conhecimentos provenientes de uma única área. Aspectos relacionados à tecnologia, mercado, pessoas, comunicação, finanças e gestão podem ser necessários para transformar uma ideia em uma solução viável. A educação empreendedora passa, dessa forma, a funcionar também como possibilidade de articulação entre conhecimentos que, no currículo formal, podem estar distribuídos em diferentes componentes.

A internacionalização constituiu outro elemento relevante da experiência analisada. Seu significado, entretanto, mostrou-se mais amplo do que a realização de mobilidade acadêmica entre países. A imersão possibilitou a aproximação entre pesquisadores brasileiros e portugueses, o compartilhamento de metodologias e práticas e a interlocução com professores, estudantes, gestores, empreendedores e ambientes de inovação. O estudo que antecedeu esta investigação já destacava que a colaboração entre instituições de diferentes países pode ampliar o acesso a perspectivas, métodos e contextos distintos de empreendedorismo e favorecer inovação, criatividade e pensamento crítico.

Nessa perspectiva, a internacionalização pode ser interpretada como uma oportunidade de aprendizagem institucional e formação de redes. O valor da experiência portuguesa não reside na possibilidade de transportar práticas prontas para o Brasil, mas em conhecer outras formas de organizar a educação empreendedora, confrontá-las com a realidade brasileira e identificar princípios que possam ser reinterpretados diante das características do ensino superior tecnológico. Essa precaução é necessária porque aspectos culturais e institucionais influenciam o empreendedorismo e precisam ser considerados em análises realizadas entre diferentes países (Tan, 2002; George & Zahra, 2002; Busenitz & Lau, 1996).

Quando as experiências são consideradas em conjunto, entretanto, emerge um resultado que ultrapassa a identificação individual das práticas. A formação empreendedora observada parece adquirir maior consistência quando diferentes iniciativas encontram pontos de conexão. Projetos, atividades curriculares, participação dos estudantes, atuação dos professores, interação com empresas, incubadoras e ambientes de inovação e experiências internacionais não precisam funcionar como ações independentes; ao contrário, podem constituir partes complementares da trajetória formativa do estudante.

Esse achado permite argumentar que o fortalecimento da educação empreendedora pode estar menos relacionado à quantidade de iniciativas oferecidas por uma instituição e mais à capacidade de estabelecer conexões entre elas. A existência de uma disciplina de empreendedorismo, por exemplo, representa uma oportunidade formativa, mas seu alcance pode ser ampliado quando os conhecimentos desenvolvidos encontram continuidade em projetos, desafios reais, atividades interdisciplinares ou interações com empresas e ambientes de inovação. De forma semelhante, uma incubadora, uma competição, uma mentoria ou uma experiência internacional pode adquirir maior significado educacional quando se relaciona com o percurso acadêmico do estudante, em vez de constituir uma experiência pontual e desconectada.

A partir dessa interpretação, as seis dimensões identificadas neste estudo podem ser compreendidas não apenas como categorias utilizadas para organizar as evidências, mas como dimensões interdependentes da formação empreendedora. Não se estabelece entre elas uma relação hierárquica ou uma sequência obrigatória. A aprendizagem experiencial favorece a participação ativa do estudante; a integração curricular permite mobilizar conhecimentos de diferentes áreas; o protagonismo discente amplia autonomia e responsabilidade; a atuação docente proporciona orientação e mediação; a articulação com o ecossistema aproxima a formação de situações e atores reais; e a internacionalização amplia referências, experiências e redes de colaboração. O aspecto central está, portanto, nas possibilidades de conexão entre essas dimensões.

Com base nas evidências analisadas, propõe-se uma perspectiva integrada da educação empreendedora no ensino superior tecnológico, fundamentada na

articulação dessas seis dimensões. Essa proposição deve ser compreendida como uma síntese interpretativa dos resultados, e não como um modelo teórico validado. Sua contribuição consiste em evidenciar que currículo, experiências, estudantes, docentes, instituição e ambiente externo podem produzir maior valor formativo quando compreendidos como componentes relacionados de um mesmo processo educacional.

Essa perspectiva traz uma implicação relevante para o ensino superior tecnológico brasileiro. Fortalecer a educação empreendedora não significa necessariamente criar continuamente novas ações, mas pode significar conectar de maneira mais consistente aquelas que já existem. Disciplinas, projetos integradores, atividades de extensão, desafios empresariais, hackathons, visitas técnicas, mentorias, incubadoras e experiências internacionais podem ampliar seu potencial formativo quando deixam de representar oportunidades isoladas e passam a estabelecer continuidade ao longo da trajetória acadêmica do estudante.

Assim, o principal aprendizado decorrente das experiências analisadas pode ser sintetizado na passagem de uma lógica de oferta de iniciativas para uma lógica de integração das experiências empreendedoras. Mais do que perguntar quantas ações de empreendedorismo uma instituição oferece, os resultados deste estudo sugerem a importância de compreender como essas ações se relacionam, como chegam aos estudantes e de que maneira se conectam ao currículo, aos professores, ao ambiente institucional e ao ecossistema externo. Essa lógica de integração constitui uma possibilidade de reflexão para o ensino superior tecnológico brasileiro e abre espaço para que estudos futuros investiguem empiricamente como diferentes formas e níveis de articulação entre essas dimensões podem contribuir para o desenvolvimento da formação empreendedora.

5 Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo analisar práticas de educação empreendedora identificadas em instituições de ensino superior portuguesas, buscando compreender como essas experiências podem contribuir para o fortalecimento da formação empreendedora no ensino superior tecnológico brasileiro. A partir da releitura e sistematização das evidências produzidas durante a imersão acadêmica

realizada em Portugal, foi possível identificar elementos que ampliam a compreensão da educação empreendedora para além da oferta de disciplinas ou de atividades específicas relacionadas à criação de negócios.

Em resposta à questão que orientou a investigação, os resultados indicam que as práticas observadas podem contribuir para o contexto brasileiro principalmente por evidenciarem a importância de uma formação que articule aprendizagem experiencial, integração curricular e interdisciplinaridade, protagonismo discente, atuação docente, conexão com o ecossistema empreendedor e internacionalização e formação de redes. Mais do que a presença individual dessas dimensões, a análise mostrou a relevância das conexões estabelecidas entre elas ao longo da trajetória formativa do estudante.

As experiências analisadas também evidenciaram diferentes possibilidades de materialização dessa perspectiva. Iniciativas como o MARK'IT demonstraram como projetos práticos podem aproximar diferentes componentes curriculares e colocar o estudante em posição ativa na criação e desenvolvimento de soluções. As experiências relacionadas ao MIETE, por sua vez, evidenciaram possibilidades de articulação entre conhecimento científico e tecnológico, inovação, identificação de oportunidades e desenvolvimento de novos negócios. O contato com professores, estudantes, startups, incubadoras e outros ambientes de inovação reforçou ainda a importância das relações estabelecidas entre a instituição de ensino e os diferentes atores que compõem seu ambiente externo.

A principal contribuição deste estudo está, portanto, na identificação de uma lógica de integração das experiências empreendedoras. Os resultados sugerem que o fortalecimento da educação empreendedora não depende necessariamente da ampliação contínua do número de iniciativas oferecidas pelas instituições, mas da capacidade de conectá-las e atribuir-lhes continuidade e significado no percurso acadêmico dos estudantes. Essa interpretação permite deslocar o foco de uma lógica predominantemente baseada na oferta de ações para uma perspectiva em que importa compreender como currículo, experiências, estudantes, docentes, instituição e ambiente externo se relacionam na construção da formação empreendedora.

Essa constatação apresenta implicações relevantes para o ensino superior tecnológico brasileiro. Disciplinas de empreendedorismo, projetos integradores, atividades de extensão, desafios empresariais, visitas técnicas, hackathons, mentorias, incubadoras, interação com empresas e experiências internacionais podem constituir importantes oportunidades de aprendizagem. Entretanto, seu potencial formativo pode ser ampliado quando essas iniciativas deixam de ocorrer de maneira fragmentada e passam a estabelecer relações entre si e com o currículo. Nesse sentido, fortalecer a educação empreendedora pode significar não apenas criar novas atividades, mas também reconhecer, organizar e conectar práticas que já fazem parte do cotidiano institucional.

A experiência internacional também mostrou que conhecer práticas desenvolvidas em outros países não significa reproduzi-las de maneira automática. Os contextos institucionais, culturais, econômicos e educacionais precisam ser considerados na análise de sua aplicabilidade. Assim, as experiências portuguesas devem ser compreendidas como referências capazes de provocar reflexão e aprendizagem institucional, e não como modelos prontos para transferência ao contexto brasileiro. A própria literatura utilizada como base deste estudo reconhece a influência das diferenças culturais e institucionais sobre o empreendedorismo.

O estudo apresenta limitações que devem ser consideradas. As evidências derivam de uma imersão acadêmica envolvendo observação participante, visitas técnicas, entrevistas-diálogos, interações institucionais e análise documental. Como a experiência não foi concebida para representar o conjunto das instituições portuguesas de ensino superior, os resultados não são generalizáveis para esse contexto. Além disso, as seis dimensões analíticas foram construídas *a posteriori*, a partir da sistematização dos registros disponíveis.

Estudos futuros podem examinar essas dimensões em diferentes instituições e contextos, incorporando as perspectivas de estudantes, docentes, gestores e atores do ecossistema empreendedor. Recomenda-se também investigar sua relação com competências, autoeficácia, intenção e comportamento empreendedor. Estudos longitudinais poderão analisar como a exposição a diferentes experiências de

educação empreendedora se relaciona com mudanças nas atitudes e comportamentos dos estudantes ao longo da formação.

Por fim, os resultados permitem compreender a educação empreendedora como um processo que ultrapassa os limites de uma disciplina e se constrói nas relações entre diferentes experiências e atores. Formar para o empreendedorismo, nessa perspectiva, significa criar condições para que o estudante transforme conhecimento em ação, reconheça oportunidades, enfrente problemas, desenvolva soluções e participe ativamente de sua própria trajetória formativa. Para o ensino superior tecnológico brasileiro, o desafio talvez não esteja apenas em fazer mais, mas em conectar melhor o que já se faz, transformando iniciativas dispersas em experiências capazes de produzir uma trajetória de formação empreendedora mais integrada, significativa e coerente.

Referências

ABREU, M.; GRINEVICH, V. The entrepreneurial university: strategies, processes, and competing goals. *The Journal of Technology Transfer*, v. 49, p. 1991–2034, 2024. DOI: 10.1007/s10961-024-10085-7.

ARAÚJO, G. F.; DAVEL, E. Educação empreendedora, experiência e John Dewey. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 12, n. 4, p. 1–16, 2018.

BOGATYREVA, K.; LASKOVAIA, A.; OSIYEVSKYY, O. Entrepreneurial activity, intrapreneurship, and conducive institutions: Is there a connection? *Journal of Business Research*, v. 146, p. 45–56, 2022. DOI: 10.1016/j.jbusres.2022.03.062.

BUSENITZ, L. W.; LAU, C. M. A cross-cultural cognitive model of new venture creation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 20, n. 4, p. 25–39, 1996.

CHEN, Y.; JIA, W. S.; ZHENG, Y. J. Rational reflection and model construction: innovation and entrepreneurship education of higher vocational colleges. *Higher Education Engineering*, n. 2, p. 170–175, 2018.

CHIEN-CHI, C.; SUN, B.; YANG, H.; ZHENG, M.; LI, B. Emotional competence, entrepreneurial self-efficacy, and entrepreneurial intention: a study based on China

college students' social entrepreneurship project. *Frontiers in Psychology*, v. 11, art. 547627, 2020. DOI: 10.3389/fpsyg.2020.547627.

FELLNHOFER, K. Narratives boosting entrepreneurial attitudes: making an entrepreneurial career attractive? *European Journal of Education*, v. 53, n. 2, p. 218–237, 2018. DOI: 10.1111/ejed.12274.

FERNÁNDEZ-PÉREZ, V.; MONTES-MERINO, A.; RODRÍGUEZ-ARIZA, L.; ALONSO-GALICIA, P. E. Emotional competencies and cognitive antecedents in shaping student's entrepreneurial intention: the moderating role of entrepreneurship education. *International Entrepreneurship and Management Journal*, v. 15, n. 1, p. 281–305, 2019. DOI: 10.1007/s11365-017-0438-7.

FOUCRIER, T.; WIEK, A. A process-oriented framework of competencies for sustainability entrepreneurship. *Sustainability*, v. 11, n. 24, art. 7250, 2019. DOI: 10.3390/su11247250.

GEORGE, G.; ZAHRA, S. A. Culture and its consequences for entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 26, n. 4, p. 5–8, 2002.

GERADTS, T. H. J.; ALT, E. Social entrepreneurial action in established organizations: developing the concept of social intrapreneurship. *Journal of Business Research*, v. 151, p. 197–206, 2022. DOI: 10.1016/j.jbusres.2022.06.047.

HUQ, A.; GILBERT, D. All the world's a stage: transforming entrepreneurship education through design thinking. *Education + Training*, v. 59, n. 2, p. 155–170, 2017. DOI: 10.1108/ET-12-2015-0111.

KURATKO, D. F. The emergence of entrepreneurship education: development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 29, n. 5, p. 577–598, 2005. DOI: 10.1111/j.1540-6520.2005.00099.x.

LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian challenges. *Journal of Small Business Management*, v. 53, n. 4, p. 1033–1051, 2015. DOI: 10.1111/jsbm.12110.

LIU, X. Y.; LIN, C.; ZHAO, G.; ZHAO, D. Research on the effects of entrepreneurial education and entrepreneurial self-efficacy on college students' entrepreneurial intention. *Frontiers in Psychology*, v. 10, art. 869, 2019. DOI: 10.3389/fpsyg.2019.00869.

LONGVA, K. K.; STRAND, Ø.; PASQUINE, M. Entrepreneurship education as an arena for career reflection: the shift of students' career preferences after a business planning course. *Education + Training*, v. 62, n. 7/8, p. 877–896, 2020. DOI: 10.1108/ET-08-2019-0187.

LUMPKIN, G. T.; DESS, G. G. Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. *Academy of Management Review*, v. 21, n. 1, p. 135–172, 1996.

MARSHALL, D. R.; GIGLIOTTI, R. Bound for entrepreneurship? A career-theoretical perspective on entrepreneurial intentions. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 2018.

MELCHOR-DURAN, I. L.; CUERO-ACOSTA, Y. A.; DÍAZ DUARTE, A. A.; MONTIEL MÉNDEZ, O. J. Educação empreendedora na universidade e intenção de empreender: temas e lacunas de pesquisa. *Revista de Administração de Empresas*, v. 65, n. 3, e2024-0213, 2025. DOI: 10.1590/S0034-759020250307x.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 10, n. 3, p. 60–81, 2016.

TAN, J. Culture, nation, and entrepreneurial strategic orientations: implications for an emerging economy. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 26, p. 95–111, 2002.

TANG, Y. Z.; ZHANG, Y. X. Research on the impact of college students' creative personality on entrepreneurial willingness: mediating effect based on entrepreneurial self-efficacy. *Higher Education Exploration*, n. 4, 2018.

VEDANA, D.; ANDREASSI, T. Proposta de um modelo teórico para oportunidades de pesquisa e inovação em ensino de empreendedorismo. *Revista de Administração de Empresas*, v. 65, n. 3, e2024-0209, 2025. DOI: 10.1590/S0034-759020250302x.

ZHANG, Q.; LIU, C.; WANG, Z.; YANG, Z. The college students' sense of responsibility for innovation and entrepreneurship. *Frontiers in Psychology*, v. 11, art. 2049, 2020. DOI: 10.3389/fpsyg.2020.02049.